



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

LEITÃO, Ana Tereza de Sá; BRASILEIRO, Luciana. Cantando e contando estórias infantis: a representação das estórias e músicas infantis como recurso terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN - 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

CANTANDO E CONTANDO ESTÓRIAS INFANTIS: A REPRESENTAÇÃO DAS ESTÓRIAS E MÚSICAS INFANTIS COMO RECURSO TERAPÊUTICO

Ana Tereza de Sá Leitão
Luciana Brasileiro

RESUMO

Pesquisa de caráter qualitativo, base etnográfica e enfoque crítico-participativo com o intuito de analisar a representação das estórias e músicas infantis como recurso terapêutico em crianças que vivenciaram rompimento do vínculo afetivo, bem como tal trabalho pode desorganizar atitudes e re-formá-las numa nova organização mental e muscular. Com esse intuito a pesquisa foi realizada na Casa de Passagem I na cidade do Natal/RN e conduzida pelo um referencial teórico de autores como Bowlby, Bettelheim, Kignel, Keleman, Khalfa, Cunha, entre outros. Os recursos utilizados foram o teste projetivo da Fábula de Düss, músicas e histórias infantis. Como conclusão, pode-se afirmar que a utilização desses recursos é de suma importância para uma elaboração positiva de possíveis conflitos psíquicos dessas crianças, o que pode ser bem observado no corpo das mesmas.

Palavras-chave: Criança Institucionalizada. Estórias infantis. Vínculo.

INTRODUÇÃO

Um dos mais importantes determinantes do desenvolvimento psico-afetivo do indivíduo está relacionado com o vínculo mãe-bebê. Sacharny (1988) enfatiza que o bebê, desde o momento em que nasce, é favorecido pela forma com que a mãe o estimula, carrega, segura e escuta na expressão de suas necessidades e é através da linguagem corporal que essa comunicação se estabelece. Esse contato proporciona a estimulação orgânica, a comunicação afetiva e prepara ao acesso à linguagem.

Em concordância, Freire e Melo (2006, p. 18) afirmam que no vínculo mãe-bebê, para que o elo formado seja saudável, o ideal seria a existência da sensação de acolhimento e aceitação desde o início da vida intra-uterina. O que por outras palavras, Bowlby (1995), complementa ao afirmar que é necessária a vivência, por parte do bebê, de uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe (figura materna).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

2

LEITÃO, Ana Tereza de Sá; BRASILEIRO, Luciana. Cantando e contando estórias infantis: a representação das estórias e músicas infantis como recurso terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN - 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Podemos, então, considerar o vínculo como o primeiro e mais forte laço que criamos, do qual resultam as diversas formas de nos relacionarmos e percebermos o outro. Bowlby (1995) escreve

Dentre os mais significativos avanços da psiquiatria, neste último quarto de século, acha-se a crescente comprovação de que a qualidade dos cuidados parentais que uma criança recebe em seus primeiros anos de vida é de importância vital para a sua saúde mental futura (BOWLBY, 1995, p. 13).

Considerando efeitos negativos que o rompimento do laço afetivo pode causar a estrutura psíquica da criança, Bowlby (1995) cita vários estudos e pesquisas concernentes ao assunto. Um foi realizado com 102 infratores reincidentes entre 15 e 18 anos, em uma escola oficial inglesa, e demonstrou claramente como as angústias provocadas por relações insatisfatórias na primeira infância predis põem as crianças reagirem, mais tarde, de forma anti-social diante das tensões. Pode-se observar que a maior parte das situações de angústia precoce entre estes meninos eram aspectos específicos de privação da mãe. Estudos dessa natureza, denominados de diretos, e caracterizados pela observação direta da saúde mental e do desenvolvimento de crianças de instituições, hospitais e lares substitutos demonstram que, quando uma criança é privada dos cuidados maternos, o seu desenvolvimento é quase sempre retardado – física, intelectual e socialmente – e que podem aparecer sintomas de doença física e mental.

Portanto, pode-se afirmar que existem inúmeras provas de que a privação pode ter efeitos negativos sobre o desenvolvimento das crianças tanto durante o período de separação quanto no período imediatamente após a recuperação dos cuidados maternos (se esta ocorrer) e permanentemente, pelo menos numa pequena proporção dos casos.

A privação materna na primeira infância pode, então, se considerada tão perigosa quanto à situação em que uma criança bebe leite infectado ou fica exposta ao vírus da paralisia infantil. O fato de algumas crianças parecerem escapar é sem importância, considerando que em ambos os casos, a proporção de crianças que ficam gravemente doentes é suficiente para que



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

3

LEITÃO, Ana Tereza de Sá; BRASILEIRO, Luciana. Cantando e contando estórias infantis: a representação das estórias e músicas infantis como recurso terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN - 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

ninguém sequer sonhe em expor intencionalmente uma criança a esses riscos (BOWLBY, 1995).

Nesse sentido, as histórias e músicas infantis são consideradas recursos terapêuticos válidos na busca de amenizar os efeitos da privação materna.

A escolha por histórias infantis se deu pela percepção de que o momento de contar histórias é acima de tudo uma fonte de prazer e contribui de forma ímpar para o desenvolvimento, social, cognitivo e emocional da criança, pois é através dos mesmos que ela vivencia uma aprendizagem significativa, trabalhando-se o lúdico e o imaginário infantil. De acordo com Bettelheim (2006), o conto de fadas é psicologicamente mais convincente do que a narrativa realista, porque coloca a criança frente a uma situação-problema cuja solução ela encontrará a partir da sua capacidade de imaginar. Desta forma o conto de fada terá um efeito terapêutico na medida em que quem lê/escuta encontra uma solução para sua situação-problema, ou seja, seus medos e angústias.

As crianças, então, fazem uso dos contos de fada para “elaborar seus dramas íntimos, para dar colorido e imagens ao que estão vivendo” (CORSO e CORSO, 2006, p. 28). Costumando utilizar-se de fragmentos dessas histórias para questionar sobre algum assunto que a inquiete.

De acordo com Bettelheim (2006), as histórias contadas para os pequenos tanto pelos pais como por um cuidador, possibilita que elas possam parar e refletir sobre a problemática encontrada durante a narrativa. E encontrem doses de ficção e fantasia para resolver os problemas enfrentados pelos personagens e, conseqüentemente, façam o mesmo com sua própria história, re-significando os seus problemas mais íntimos.

Desde o nascimento, para que possamos sobreviver psiquicamente, criamos fantasias tão necessárias para dominar nossas angústias e realizar nossos desejos. Torna-se possível a nomeação, a projeção e a externalização de nossos medos. De outra forma, seríamos assolados por nossas angústias” (RADINO, 2003, p. 116).

Outro fator importante citado por Radino (2003) é a garantia que os contos transmitem que as crianças conseguirão solucionar seus enigmas de forma satisfatória.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

4

LEITÃO, Ana Tereza de Sá; BRASILEIRO, Luciana. Cantando e contando estórias infantis: a representação das estórias e músicas infantis como recurso terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN - 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Apresentados de forma simbólica, os contos possibilitam uma assimilação dos conflitos psíquicos de acordo com o estágio de desenvolvimento intelectual e psicológico em que se encontra a criança. Esse é o seu final feliz. (RADINO, 2003, p.134).

No que concerne as músicas, sabe-se que um som, uma canção podem produzir, tanto respostas motoras, como emotivas, como orgânicas, como de comportamento que comunicam, ou seja, propicia diversos benefícios ao ser humano, tanto fisiológicos quanto psicológicos.

Nesse contexto, são visíveis os benefícios terapêuticos da música tanto para a criança quanto para o adulto. Através dela pode-se alcançar diferentes finalidades, como a de "aguçadora" de funções (função motora, principalmente)⁽²⁴⁾. [...] Para alguns autores^(20,30), a intervenção musical proporciona um cuidado mais humanizado ao paciente, além de ser um recurso facilitador da comunicação^(19,24,30) (FERREIRA, REMEDI e LIMA, 2006).

Os efeitos benéficos das músicas se estendem ao nível pessoal ao possibilitar ao indivíduo o desenvolvimento de novas estratégias de enfrentamento. Nesse sentido, Ferreira, Remedi e Lima (2006) citam dois estudos que comprovam essa constatação. O primeiro infere

[...] evidências de que a música facilitou a comunicação com crianças que sofreram abuso, negligência e privação, permitindo que elas se expressassem, quer seja escolhendo uma música para ouvir e/ou tocar/cantar, quer seja fazendo uma composição musical. Segundo os autores, essas crianças conseguiram desenvolver estratégias de enfrentamento para seu problema, utilizando a música para manifestação dos sentimentos (FERREIRA, REMEDI e LIMA, 2006).

Assim, observou-se através da Fábula de Duss alguns pontos semelhantes das respostas dadas pelas crianças que participaram da pesquisa indicam a existência de sentimentos de medo, culpa, agressividade e/ou tendências autopunitivas em seu comportamento ou em sua relação com o outro. Em relação à mãe revelam sentimentos de desejo de proximidade e angústia em virtude de sua ausência.

Em contra partida, a relação com a mãe parece ser marcada, também, pelo desejo de morte de sua progenitora. Nota-se, portanto uma criança sem expectativas, que talvez não saiba o que pode ou deve acontecer em sua vida.

Visto que são recorrentes as situações relativas ao abandono, estórias com essa temática como "Rapunzel" e "João e Maria" ou que envolvam a



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

5

LEITÃO, Ana Tereza de Sá; BRASILEIRO, Luciana. Cantando e contando estórias infantis: a representação das estórias e músicas infantis como recurso terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

bruxa, como representante da mãe má em contrapartida a mãe suficientemente boa, parecem ser indicadas para os conflitos evidenciados na fábula.

METODOLOGIA

A proposta desta pesquisa qualitativa etnográfica foi a de desenvolver um trabalho na Casa de Passagem I na cidade do Natal/RN, instituição que tem vínculo com a Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social – SEMTAS. Trata-se um abrigo para criança de caráter provisório e excepcional, utilizável como forma de transição para posterior retorno à família de origem. Nesse caso, observa-se uma demanda de pais usuários de drogas ou com transtornos que se encontram impossibilitados de cuidar de seus filhos, os quais deverão ser acolhidos pela Casa de Passagem através de ordem judicial. Dessa forma, realizamos essa pesquisa com crianças de 5 a 7 anos.

As crianças foram escolhidas devido a demanda da Casa, a partir da qual, focamos o trabalho em 3 crianças, com o intuito de analisar a representação das estórias e músicas infantis como recurso terapêutico em crianças que vivenciam rompimento do primeiro vínculo afetivo.

Foi desenvolvida entre o início do mês de setembro e a terceira semana do mês de outubro do corrente ano totalizando 10h. Para a sua realização, utilizaram-se livros de contos de fadas e estórias infantis, CDs de músicas infantis, fantoches e DVD de estórias infantis. Esses materiais foram fundamentais para compor o desenvolvimento e narração das estórias para as crianças, por serem um estímulo lúdico de extrema importância, visto que, se pretendia aguçar a criatividade e imaginação das crianças.

Ainda foi feita uma entrevista anamnésica com a psicóloga e a assistente social da instituição a fim de investigar a história familiar dos sujeitos. Posteriormente, foi aplicado o teste projetivo da Fábula de Düss, objetivando a identificação dos principais conflitos psíquicos apresentados pelas crianças. É importante frisar que o teste das fábulas, apenas nos norteou na escolha das músicas e estórias infantis, pois tal instrumento não deve ser aplicado sozinho, mas de forma complementar a outros testes.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

6

LEITÃO, Ana Tereza de Sá; BRASILEIRO, Luciana. Cantando e contando estórias infantis: a representação das estórias e músicas infantis como recurso terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN - 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

A técnica de observação participante foi feita sob o prisma da psicoterapia corporal, na medida em que corroboramos com Keleman (1996) na premissa de que a forma e o movimento da expressão corporal do indivíduo revelam a natureza de sua existência. Então, é imprescindível que estejamos atentos para a linguagem do corpo terapeuticamente, visto que o insight psicológico é necessário, mas, por si só, não cria mudança. Quando não compreendemos nossa história como organização somática, continuamos a repeti-la.

Nesse sentido, filmamos todos os encontros, a fim de fazer uma micro-análise dos gestos e expressão corporais daquelas crianças ao ouvir as músicas e/ou histórias. a partir de uma análise bastante minuciosa dos gestos, expressões faciais, inquietudes, comportamentos das crianças e como elas pediam a repetição da história só foi possível através das filmagens realizadas em cada encontro. Assim, pudemos observar como as crianças respondiam a cada nova história que lhes era narrada ou encenada..

RESULTADOS

A partir dos comportamentos apresentados pelas crianças, concluímos que as histórias passaram a se sentirem como mais expressivas, pois essas crianças estavam mais atentas a elas e interagem mais. Portanto, esse recurso demonstrou ter eficácia maior na sua análise como recurso terapêutico, uma vez que se pode observar nitidamente, através das filmagens, as reações dos sujeitos durante a sua execução.

A essa diferenciação podemos relacionar a inibição das crianças, presente no momento que tinha que encenar a história e com mais evidência na hora de se movimentar com a música.

Outro fator é a falta de intimidade e contato com o corpo, que se inicia na relação com a mãe. Como a relação vincular dessas crianças não foi satisfatória, acreditamos que isto influenciou a relação delas com seus próprios corpos.

Esse fato é corroborado pela idéia de Keleman (1996) de que nosso corpo traz, em todos os tecidos, órgãos e fibras de nossa carne, o registro de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

7

LEITÃO, Ana Tereza de Sá; BRASILEIRO, Luciana. Cantando e contando estórias infantis: a representação das estórias e músicas infantis como recurso terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN - 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

nossos sentimentos, pensamentos e percepções, eclodindo em um somatório de características corporais que, por si sós, definem e revelam as situações de vida pelas quais passamos.

Sendo assim, é imprescindível dar especial atenção a esta realidade (privação materna, abandono, negligência, dentre outros), visto que representa efeitos negativos no desenvolvimento humano, corroborados por vários autores. Bowlby (1995) simplifica bem essa concepção.

Dentre os mais significativos avanços da psiquiatria, neste último quarto de século, acha-se a crescente comprovação de que a qualidade dos cuidados parentais que uma criança recebe em seus primeiros anos de vida é de importância vital para a sua saúde mental futura (BOWLBY, 1995, p. 13).

Sabemos, ainda, que o conto de fadas permite à criança traçar novos caminhos, novas articulações e novos significados de acordo com a sua necessidade. Isso ocorre a partir do momento em que há o encontro do enredo, ou seja, a identificação da história ou parte dela com o conflito vivenciado pela criança naquele momento, de forma que o medo e o desejo da criança possam encontrar um alívio para suas angústias, a partir da própria resolução percebida na história. Daí a importância de se usar terapêuticamente o conto de fadas enquanto recurso para se trabalhar os possíveis conflitos psíquicos da criança, pois, segundo Bettelheim (2006), o conto de fadas é o espelho onde podemos nos reconhecer com problemas e propostas de soluções que só podem ser elaboradas na imaginação.

Da mesma maneira, o final feliz presente em todas as histórias nada mais é que uma garantia para a criança de que o conflito pode ser resolvido. Outro recurso utilizado pela criança é a capacidade que ela tem de imaginação. Através desse recurso e do faz-de-conta, ela consegue recriar a história da maneira como lhe convém, a fim de buscar em meio à trama a resolução de seus conflitos.

Pudemos perceber que algumas crianças, antes tensas durante toda a trama, puderam então demonstrar o alívio que sentem com o final feliz, através de suas expressões faciais e corporais. Foi perceptível também a identificação



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

8

LEITÃO, Ana Tereza de Sá; BRASILEIRO, Luciana. Cantando e contando estórias infantis: a representação das estórias e músicas infantis como recurso terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN - 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

com os personagens e a tensão quando o herói estava em perigo ou a bruxa/madrasta aparecia.

A utilização de vários recursos para contar histórias nos permitiu avaliar a reação das crianças diante de vários estímulos. Apesar de Bettelheim (2006) afirmar que não se deve mostrar ilustrações, nem estímulos similares, a utilização desses recursos mostrou-se bastante positiva, principalmente no que concerne ao emprego do DVD. Foi nessa ocasião que observamos impactos profundos, como, por exemplo, o aplauso de Paula e a tensão de Marcelo.

É importante frisar que estamos tratando da observação do registro corporal, tanto do possível trauma pela quebra do vínculo como do efeito dos estímulos dos contos e músicas através desse registro.

Assim, a forma como cada criança se expressava era peculiar a ela, visto a forma do corpo, o sentimento corporal e o modo como nos comportamos, em nível psicológico ou físico, ser particular e singular a cada ser humano. São as experiências de cada um que definirão a maneira como se reagirá diante do processo de interação com o outro.

Por conseguinte, corroboramos com Keleman (1996) na premissa de que a forma e o movimento da expressão corporal do indivíduo revelam a natureza de sua existência.

Assim, o caráter de uma pessoa revela a qualidade de suas experiências na vida. A qualidade da excitação dos pais com a criança, assim como as primeiras experiências e ainda os vários tipos e níveis de encontro de uma criança com o mundo, e até o modo como ela experimenta a si mesma, permearão as respostas corporais e a moldagem dos sentimentos expressos em seu corpo. Todos esses fatores formarão o seu caráter e despertarão sua consciência acerca de si mesma, conferindo a ela sua identidade.

Portanto, quando uma história tocava, de alguma forma, uma criança, podia-se observar claramente que sua expressão corporal se modificava, em resposta ao estímulo inconsciente provocado pelo conto. A história de abandono, negligência e/ou violência está também, visivelmente, inscrita em nível corporal.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

9

LEITÃO, Ana Tereza de Sá; BRASILEIRO, Luciana. Cantando e contando estórias infantis: a representação das estórias e músicas infantis como recurso terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN - 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Nesse sentido, Keleman (1996) acentua, com toda propriedade, a importância de se estar atento ao corpo, porque, quando não compreendemos nossa história como organização somática, continuamos a repeti-la.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

BOWLBY, John **Cuidados maternos e saúde mental**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995

CORSO, Diana Lichtenstein, CORSO, Mário. **Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERREIRA, Caroline Cristina Moreira; REMEDI, Patrícia Pereira; LIMA, Regina Aparecida Garcia de. A música como recurso no cuidado à criança hospitalizada: uma intervenção possível?. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 59, n. 5, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000500018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 ago 2008.

FREIRE, Carolina Cavalcanti e MELO, Cynthia Cavalcanti Moura de. **Vínculo estabelecido na relação mãe-bebê**: Implicações transferenciais dentro do processo psicoterapêutico à luz da psicoterapia corporal. 2006. Monografia (Curso de Psicologia) – Universidade Potiguar, Natal, 2006.

KELEMAN, Stanley. **O corpo diz sua mente**. Tradução de Maya Hantower. São Paulo: Summus, 1996

RADINO, Glória. **Contos de fadas e realidade psíquica**: a importância da fantasia no desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SACHARNY, Silvana. **Relação Mãe-Bebê**. Disponível em: <<http://www.cebrafapo.com.br/artigo-relação-mae.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2008.

AUTORAS

Ana Tereza de Sá Leitão/RN - Estudante de psicologia do 9º período da Universidade Potiguar e de especialização internacional em Terapia Biossistêmica no Instituto de Psicologia Somática (IPS). Trabalho de Conclusão de Curso sob o prisma das Psicoterapias Corporais a partir de estágio na Casa de Passagem I (Natal-RN) com crianças de 4 e 6 anos utilizando histórias e músicas infantis como recurso terapêutico.

CENTRO REICHIANO DE PSICOTERAPIA CORPORAL LTDA

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

10

LEITÃO, Ana Tereza de Sá; BRASILEIRO, Luciana. Cantando e contando estórias infantis: a representação das estórias e músicas infantis como recurso terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN - 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

E-mail: anaterzapc@yahoo.com.br

Luciana Brasileiro/RN – Graduada em letras, com especialização em Psicopedagogia. Cursando o 9ª período de Psicologia na Universidade Potiguar. Curso de Capacitação de Psicoterapia Somática pelo Instituto Reichiano de Psicologia em Natal-RN.

E-mail: lucianabrasileiro@yahoo.com.br

